

Nem paramorrer serve!

Criar ardis, dissimulações, simulacros: tudo isso compõe o repertório de artimanhas ~~sto~~ humano para desembaraçar-se das várias situações vexatórias do cotidiano, sejam ~~as~~ ponderáveis ou não. Tende mesmo à fuga do enfrentamento, a todo custo, das represálias da vida à conta de suas ações ou omissões, das que extrapolem as leis ou o código social. Esta assertiva é mais bem confirmada nos locais onde falece o rigor da punibilidade.

Especificamente, aqui, no Brasil, quem não já ouviu falar ou logrou valer-se do “jeitinho brasileiro”?

Destarte, a fim de evitar qualquer tipo de restrição à liberdade ou ao patrimônio, o indiv?

Manuela, ao dobrar a curva do Cais do Porto, divisa uma blitz do DETRAN. Ao ouvir dois silvos breves, embora não dominasse as regras de trânsito, preferira não arriscar. Pois, ent?

Mais à frente, ao invés de se enamorar com o mar, de intenso azul, da pajuçara, Manuela vociferava improperios ao pai, indignos de uma respeitosa filha. Acusava-o de quase ter o carro apreendido porque ele não fora um artista convincente. Ele, por sua vez, diante de tão infame condição, quedou-se impassível. Todo o seu percurso de regresso a casa, estivera ~~o~~ imerso em devaneios, como a fazer uso inconsciente de um mecanismo de defesa para despistar-se da realidade.

Ao chegar ao trabalho, no dia seguinte, Manuela, conforme lhe era usual, debulhou um rosário de agruras. “Não suporto mais o peso de meus pais, filho, tia-velha, empregada e da matilha voraz. E, querem saber? Nem pra fingir-se de morto o escalafobético do meu pai serve!”

Simone Moura e Mendes

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/nem-paramorrer-serve>